

FHC

Ibope diz que crises não afetam FH

Apesar dos escândalos no Governo, a popularidade do presidente é a mesma desde a posse

Cláudio Duarte

Mônica Gugliano

BRASÍLIA

Sivam, pasta rosa, Banco Econômico, Banco Nacional, orçamento, lista do Banco do Brasil. Nestes dois anos, muitas crises envolveram o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Com amigos, o presidente costuma comentar que considera o Sivam como o pior desses episódios porque envolvia assessores muito próximos a ele: o então chefe do cerimonial da Presidência, Júlio César Gomes dos Santos, e o presidente do Inbra, Francisco Graziano. Nada disso, porém, refletiu-se nas pesquisas que medem a popularidade de Fernando Henrique. Segundo o Ibope, o presidente tem, hoje, índices semelhantes aos de quando assumiu o Governo e recuperou todos os pontos que perdera, com a repercussão do massacre de Eldorado do Carajás (PA). Num confronto com policiais militares, 19 sem-terra morreram.

— O presidente resgatou a popularidade que havia perdido com o incidente. Temos a impressão que, na época, as pessoas acharam que o Governo não agiu no sentido de proteger os sem-terra. E até, também, que o Governo estava comprometido com interesses dos fazendeiros — explicou o diretor técnico do Ibope, Luis Paulo Montenegro.

Na época, a população considerou que o Governo se descuidava dos problemas no campo. Para muitos, o massacre de Eldorado, menos de um ano depois de um incidente semelhante em Corumbiara (RO), revelava pouca força de vontade do Governo para promover uma reforma agrária. E, diferentemente, do que aconteceu em todas as demais crises, a população responsabilizou o presidente pela lentidão das ações do governo no setor. Depois disso, Fernando Henrique criou um novo ministério — exclusivamente para tratar da questão fundiária — e mandou projetos ao Congresso, com mudanças radicais na legislação sobre o assunto. O último deles, a medida provisória do Imposto Territorial Urbano (ITR), foi aprovado na semana passada e aumenta a taxa para propriedades improdutivas.

— Sempre é bom detectar nossas falhas, ver o que fizemos e o que deixamos de fazer para corrigir. É preciso, sobretudo, divulgar bem as realizações — afirmou o secretário geral do PSDB, Artur Virgílio (AM).

Inflação baixa proporciona bom índice de aprovação do governo

A inflação baixa é ainda o maior trunfo do presidente que chega ao final de 1996 com índices de aprovação, à forma com que administra o País, de 61%. De acordo com Montenegro, enquanto a economia permanecer estável será difícil que algum fato atinja a imagem de Fernando Henrique. Ele afirma que a população não associa o presidente a denúncias negativas sobre o Governo.

— As pessoas separam o Governo do presidente. A economia e o bolso ainda são mais importantes que outros problemas — disse Montenegro.

Se este raciocínio está correto — de que para a população, Governo e presidente são distintos — agora porém Fernando Henrique terá que ficar mais atento. A última pesquisa do IBOPE, divulgada há duas semanas, foi a primeira que apontou convergência entre a popularidade do presidente (60%) e os índices de aprovação do Governo (61%). O presidente avaliou estes dados com interlocutores e comentou tê-los achado muito positivos.

Segundo os amigos mais próximos do presidente, a cautela é a principal arma de Fernando Henrique. Ainda de acordo com esses amigos, o presidente nunca age sem observar e avaliar bem para que lado os ventos e tempestades políticas sopram. Isto teria ficado visível na última crise enfrentada pelo Governo, provocada pelo vazamento da lista de parlamentares do PBB devedores do Banco do Brasil.

Antes de entrar em cena, Fernando Henrique pediu a seu fiel escudeiro, o ministro das Comunicações, Sérgio Motta — muitas vezes, também protagonista de embaraços políticos — que fizesse um mapeamento da crise. Motta foi convocando quando o presidente soube que o ministro da Articulação Política, Luiz Carlos Santos, acusava o secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge Caldas, de ser o responsável pelo vazamento da lista. Coube ao ministro avaliar a repercussão da crise junto aos partidos aliados no Congresso e fazer a primeira acareação entre Santos e Eduardo Jorge.



O presidente só entrou em cena para selar o acordo de paz. Dois dias depois de apagado o incêndio, o Banco do Brasil divulgou o resultado da auditoria. Não foram encontrados os responsáveis pela elaboração da lista, relacionando nove parlamentares do PBB, todos integrantes da Executiva do partido do prefeito de São Paulo, Paulo Maluf.

A última crise serviu para mostrar quem é forte no Palácio do Planalto. Luiz Carlos Santos saiu com elogio público na reunião ministerial de balanço de fim de ano, mas os políticos ligados ao presidente sabem que quem está prestigiado mesmo é Eduardo Jorge Santos — que perdeu o apoio de parte de seu partido, o PMDB, na desgastante tarefa de articulador de uma base política heterogênea — está fazendo as malas para deixar o cargo no máximo na reforma ministerial de fevereiro, apesar da demonstração de simpatia do chefe. Pode até mudar de pasta, mas no Planalto, convivendo com Eduardo Jorge e Clóvis Carvalho, dificilmente ficará. Já o secretário geral da Presidência, que acompanha Fernando Henrique há mais de 12 anos, está firme no posto, apesar de ter sido acusado de encomendar a lista dos devedores do PBB.

A grande preocupação de Fernando Henrique no episódio foi mostrar, mais uma vez, o conhecido "efeito teflon" — ou seja, não deixar que grude nele as de-

núncias que envolvem seus assessores mais próximos e, por tabela, atingem o Palácio do Planalto. O presidente adotou postura de árbitro, pediu explicações aos dois auxiliares e, pelo portavoz Sérgio Amaral, fez questão de dizer que o problema do vazamento era do Banco do Brasil.

Coincidência ou não, as maiores dificuldades do governo de Fernando Henrique acontecem, pela segunda vez, em dezembro, o mês que antecede a data de sua posse. Ano passado, na mesma época, o Governo se viu às voltas com o escândalo do grampo telefônico que derrubou Francisco Graziano e o embaixador Júlio César Gomes dos Santos. Graziano, antes de ser nomeado, para o Inbra, fora secretário particular do presidente e, entre outras atribuições, cuidava da agenda — sua sala ficava ao lado do gabinete de Fernando Henrique.

Interlocutores do presidente explicam que foi mais fácil administrar a crise da lista do que o escândalo do ano passado. No caso do grampo, as acusações colocaram sob suspeita o Sivam, um projeto envolvendo investimentos estrangeiros. Foi criada até uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Senado para investigar as denúncias que não encontrou irregularidades.

A quebra do Banco Nacional, mesmo envolvendo a família da nora do presidente, Ana Lúcia Magalhães Pinto, cha-

muscou a equipe econômica mas não atingiu Fernando Henrique. A oposição tentou acusá-lo de beneficiar o Nacional, mas não foi bem sucedida. Assim como ainda não emplacou a proposta de criar uma CPI dos Bancos que também investigaria denúncias sobre uma possível omissão do Banco Central no controle da situação do Banco Econômico. Os partidos de oposição não conseguem reunir as assinaturas necessárias para investigar supostas irregularidades no sistema financeiro.

De qualquer forma, o Proer é considerado pelo próprio Fernando Henrique como a marca mais negativa de seu Governo. Tentando suprir as deficiências de comunicação da equipe econômica, ele mesmo já se dedicou a tentar explicar o programa. Antes da eleição, recebeu que os candidatos dos partidos governistas fossem prejudicados pela má compreensão do Proer. E, de fato, o senador José Serra, o único que o presidente apoiou ostensivamente, teve que responder a críticas ao programa em sua campanha para a Prefeitura de São Paulo.

— Não adianta, ninguém mais convence o povo de que o Proer não deu dinheiro para banqueiros — desabafou o presidente com um de seus líderes, antes de a disputa pelas prefeituras se concentrar em temas regionais, diminuindo o interesse pelo Proer e atrapa-

lhando os planos da oposição de fazer disso uma bandeira para combater os candidatos governistas.

Fernando Henrique também passou maus momentos na chamada crise da Pasta Rosa, no início do ano, que quase o fez perder o apoio do PFL da Bahia — liderado por seu principal cacique, o senador Antônio Carlos Magalhães, os pefelistas chegaram a promover uma marcha ao Palácio do Planalto. Essa crise começou com a descoberta de uma pasta, de cor rosa, pelos interventores do Banco Central no Banco Econômico, em Salvador. A pasta pertencia ao banqueiro Angelo Calmon de Sá, ex-diretor do Econômico, e tinha os nomes de uma lista de políticos que teriam recebido recursos do banco como doação de campanha. O vazamento da pasta e de seu conteúdo irritou os políticos baianos, bancada que vinha mostrando uma fidelidade a toda prova ao Governo.

Há quem diga que, depois do episódio, as relações entre Fernando Henrique e Antônio Carlos nunca mais voltaram a ser as mesmas. O presidente não gostou da marcha ao Planalto. Antônio Carlos ficou magoado com o tratamento recebido do Governo e abriu fogo contra o Banco Central. Até hoje, o presidente do BC, Gustavo Loyola, e seus diretores são alvos de críticas dos pefelistas. Com a ajuda dos "bombeiros" Marco Maciel — que, numa interinidade na Presidência, acionou o ministro Pedro Malan para dar entrevista conciliadora sobre o episódio — e Luís Eduardo Magalhães a crise teve fim.

Aliados governistas ajudaram FH a pôr fim à crise do orçamento

A penúltima turbulência enfrentada por Fernando Henrique foi o caso do orçamento, protagonizado pelo líder de um partido aliado — o deputado Pedrinho Abrão (PTB-GO) — e ameaçando implodir sua base política em meio a um escândalo. Acusado pelo ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, de extorquir empresários, Abrão teve que se afastar da liderança. A oposição tentou ampliar a denúncia, deixando sob suspeita todo o orçamento. Uma rápida ação dos demais aliados governistas, incluindo aí o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), impediu que isso acontecesse. Sarney e outros líderes pediram a sete senadores que retirassem suas assinaturas do requerimento.

O amigo e ao mesmo tempo adversário político de Fernando Henrique, o deputado Miro Teixeira (PDT-RJ), que quase consegue reunir as assinaturas para instalar uma CPI mista no Congresso e investigar o episódio, tem outras explicações para o fato de o presidente conseguir passar ao largo das crises de seu Governo. Segundo ele, Fernando Henrique sempre evita tomar uma posição diante das trapalhadas de seu Governo. Além disso, Miro acredita que a estabilidade econômica contribuiu para que a imagem do presidente continue boa perante a opinião pública. Ele lembra que o mesmo aconteceu com o ex-presidente Sarney que, durante o Plano Cruzado, chegou a contar com a aprovação de 90% da população.

— Sempre que acontece algo desagradável, Fernando Henrique faz como Poncio Pilatos: lava as mãos. Dessa forma consegue passar ausência de culpa, falta de cumplicidade — diz Miro.

Para os aliados políticos, Fernando Henrique não é atingido pelas crises — ou trapalhadas — porque elas, até hoje, foram de pequenas proporções e sempre tiveram personagens específicos. Além disso, o estilo e a personalidade do presidente conseguem impedir os ataques de muitos adversários. Esses aliados, como o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), não se cansam de enumerar qualidades do presidente. Segundo Inocêncio, o presidente é de tal forma envolvente que convence o mais renitente interlocutor em poucos minutos de conversa.

— O presidente é um mestre. Conseguir dizer com perfeição tudo o que eu penso quando chego lá — observa o líder do PFL na Câmara.

Até o senador Carlos Wilson (PSDB-PE) — que foi na sexta-feira ao Alvorada queixar-se da tentativa do Governo de esmagar a candidatura de seu pai, deputado Wilson Campos (PSDB-PE), à presidência da Câmara — rendeu-se depois do encontro:

— Só uma pessoa muito estúpida consegue ter com Fernando Henrique uma conversa que não seja boa, enriquecedora e agradável — disse o senador, que saiu do Alvorada com um pedido do presidente para que seu pai desista da candidatura na Câmara. ■